

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.:

Data: 13.06.83

Pg.:

190 Quem é civilizado?

Luiz Carlos Lisboa

O cacique Edisio, líder de 400 índios pataxós que vivem na reserva da Fazenda São Lucas, no Sul da Bahia, foi assassinado por questões ligadas à demarcação de terras para a tribo. O juiz federal Lázaro Guimarães, que há tempos garantiu por uma liminar a permanência dos índios na região, disse ter recebido informações de que elementos estranhos estariam incitando os índios a invadir fazendas vizinhas à reserva, inclusive fornecendo-lhes armas.

A destruição das sociedades humanas primitivas da América, feita silenciosamente nos últimos três séculos, tem hoje o fragor de tudo o que passa pelos veículos de comunicação. De qualquer forma, agora é tarde demais para qualquer tentativa de salvar um complexo de padrões de comportamento, crenças, valores e instituições que tiveram inteireza e significação um dia, e que hoje só existe como uma sombra. O homem dito civilizado é um Rei Midas com o sinal trocado: transforma tudo o que toca em imitação vulgar e em banalidade. A diferença de um guerreiro índio que não teve contato com o homem de cultura européia e esses índios que disputam armas e terras é chocante. É possível que já se tenha dito tudo o que era necessário a respeito, mas há alguma coisa, ainda, que não parece excessivo lembrar. Quando nada, como prevenção para que os erros não se repitam infinitamente.

Uma cultura não é melhor que a outra, podendo ser, no máximo, muito diferente ou muito especializada. Quando o branco europeu cristão chegou ao Novo Mundo, trouxe a certeza íntima de que havia uma única realidade ideal, e que era seu dever incutir um punhado de valores e definições em todo homem que encontrasse. A ausência de roupas, armas de fogo, navios e esperteza sofisticada conferiam ao índio (aos olhos dos recém-chegados) uma aparência "inferior". Sendo fácil enganá-los e dominá-los, ficava patente o desejo divino de que eles fossem colonizados, isto é, dominados e enganados. O mais manhoso e temerário tipo de raciocínio — o do homem que se julga portador da verdade e acredita que deve converter seu semelhante — empolgava as mentes ibéricas no século XVI, e forte permaneceu nos tempos que se seguiram.

Não é preciso alongar a meditação histórica para descobrir que o ser humano mudou muito pouco. A leitura do jornal diário indica claramente que a mania da conversão é tão comum e sedutora hoje como foi nos tempos de Pizarro e Cortez — que foram quase os mesmos tempos de Torquemada. A cultura indígena brasileira, que florescia em subculturas vivas de muito vigor e beleza, foi dizimada em nome das melhores intenções e dos sentimentos mais elevados. Nos últimos 20 anos, quando uma mistura de sentimento de culpa e modismo produziu o que se chamou

"consciência ecológica", os índios e seu modo de vida adquiriram uma certa respeitabilidade entre a classe média mais esclarecida das grandes cidades brasileiras. Os pés de avenca e as samambaias, que até então não mereciam mais que olhares indiferentes, hoje ornamentam os pontos mais destacados das salas e das varandas. A Natureza passou a ser cultuada, como se Pã, o grande senhor da vida natural, tivesse retomado tudo o que lhe pertencera no mundo do paganismo. Apesar dessa veneração pela vida selvagem, a situação dos índios entre nós não mudou, e seu universo foi reduzido e demarcado, em nome do progresso e da soberania, nas assépticas reservas da Funai.

Um mal não é menor quando é inevitável. Talvez não tenha havido mesmo remédio para o problema, na medida em que a cultura mais "forte" (absorvente, centralizadora, onívora) destrói tudo o que encontra diferente de si mesma. Não há solução aparente para essa tragédia, razão por que as populações nativas americanas podiam ser fisicamente salvas, mas não sua organização, seu universo social e psicológico, seu "clima". De modo lastimável, nem fisicamente elas escaparam. O que restou é uma aparição, um fantasma do que foi desmontado e pacientemente pulverizado. Os índios que aí estão fazem a triste imitação do "civilizado" europeu — até mesmo quando dizem mal dele, e exigem os próprios direitos. A idéia de poder, de reivindicação, de direitos humanos é tudo Europa, homem branco, cristandade. Há uma essência que é patrimônio de todos, verdade, mas a diversificação dos discursos e a utilização dos valores para fins imediatistas acabaram estabelecendo distâncias e diferenças intransponíveis. Um índio e um "civilizado" precisam reduzir-se ao que os latinos chamavam de *tábula rasa*, e os orientais designam como *fundo do poço*, para poderem falar como iguais, como irmãos, que afinal é isso o que basicamente são.

Mas não é preciso ir muito longe para entender até que ponto de degradação uma cultura simples, boa e a seu modo sábia pode chegar no contato com uma outra que se considera o ponto mais alto da evolução humana, e que é apenas especializada. Nossa imersão nesse complexo difícil muito uma percepção do problema, e torna impossível o conhecimento de minúcias. É talvez a aproximação do homem consigo mesmo — e a descoberta estonteante de seu próprio condicionamento e limitação — que torna possível a revelação de toda sua vaidade pretensiosa. Nessa elucidação, tudo aparece com nitidez nova, e é mais fácil ver o que fazemos com os outros, com o mundo — com as outras formas de vida e com os demais valores —, porque começamos a saber o que fizemos conosco.